Winnicott

PHILLIPS, Adam - Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006, 235p.

Neyza Prochet[1]

Adam Phillips (1954-) é chefe do departamento da Criança e Psiquiatria da Família do Hospital Charing Cross em Londres e um dos nomes mais representativos da Psicanálise britânica contemporânea. Ensaísta de escrita fluente e fascinante, Phillips segue a tradição dos grandes aforistas ingleses, como Oscar Wilde e Bernard Shaw e costuma oferecer frases controversas e instigantes como: "Momentos felizes são efeitos colaterais positivos da vida" ou "As pessoas procuram tratamento psicanalítico porque o modo como estão lembrando não as libera para esquecer".

Longe de ser uma unanimidade, Phillips não se limita ao território do *setting* analítico estrito e direciona seu olhar para a imensidão do comum e do cotidiano: o beijo, o flerte, o tédio, felicidade e monogamia, entre outros. Seguindo seu estilo controverso, Phillips não escreve uma biografia complacente e monocromática, assim como não nos apresenta uma leitura de fã inconteste. Ao contrário, seu estilo fluente e lúdico vai de encontro ao pensamento complexo e paradoxal de D. W. Winnicott.

Coerentemente, o livro começa trazendo uma idéia central na obra winnicottiana – como o não saber é libertador – enfatizando a importância fundamental da capacidade de suportar o não saber, para que, em vez

1. Psicanalista, Membro Efetivo do CPRJ, Doutora em Psicologia Clínica USP-SP.

de tentar preencher a todo custo as lacunas existentes, o indivíduo seja capaz de se debruçar sobre elas e possa utilizá-las como espaços potenciais – campos possíveis para a imaginação e criatividade, onde adaptação e inovação são igualmente importantes. É exatamente o que Phillips faz. Mais do que ser um colecionador de fatos, Phillips pesquisa a linguagem utilizada por Winnicott, o modo como esta escrita é formulada, as influências históricas, literárias, estéticas e científicas que embasaram seu pensamento. Ainda na introdução, Phillips enfatiza o valor de uma "linguagem de reciprocidade", que pode também ser descrita com mutualidade e onde o autor enfatiza o valor das trocas relacionais na teoria winnicottiana além de buscar estabelecer pontos de identificações e de distinções conceituais entre Freud, Winnicott e Klein. Ao mesmo tempo em que a singularidade da linguagem winnicottiana é discutida, também é apresentada uma das noções mais originais da obra de Winnicott: a presença daquilo que é comunicável e do que não é comunicável em Psicanálise, tema que será retomado no final da obra.

Para Phillips, a descrição de Winnicott para o relacionamento primitivo mãe-bebê reflete o modo como este se apropria da tradição psicanalítica: mergulha nela, usa-a como pode, testa-a através de seus questionamentos e a recria, num estilo pessoal e inimitável.

Sem preocupações com a cronologia dos fatos e com o humor paradoxal em dia, Phillips, ao longo dos capítulos, nos apresenta as raízes familiares e culturais de Winnicott através das idéias e experiências de morte relatadas por Winnicott: "chegar ao fim é chegar ao começo"[2], diz T.S. Eliot, um dos autores prediletos do psicanalista britânico. Ao descrever as origens familiares, Phillips questiona o retrato idealizado oferecido por Winnicott de sua infância, onde mais do que os dados oferecidos, aquilo que não é dito é que se mostra sugestivo nas memórias infantis.

Nos capítulos seguintes, o autor descreve a fundação da Sociedade Britânica de Psicanálise, a descoberta de Winnicott das contribuições freudianas, a vinda de Klein para Londres e a guerra. Os fatos são apresentados juntamente com as principais idéias de Winnicott surgidas ao longo deste período, oferecendo uma inserção histórica ao desenvolvimento dos conceitos e fincando raízes para a maturidade de sua obra apresentada a seguir.

Nos capítulos seguintes, que abrangem os vinte anos finais de sua obra, é possível observar o distanciamento cada vez mais evidente do

2. PHILLIPS, Adam – *Winnicott* – Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006. p.43.

curso seguido pelos kleinianos. Em oposição velada, mas não menos enfática, Winnicott questiona a valoração excessiva do intrapsíquico e a descrição de experiências do bebê desvinculadas das trocas recíprocas existentes entre o bebê e a mãe/ambiente. Em resposta ao uso excessivo de interpretações, Winnicott idealiza, em especial nos textos destinados ao público leigo, o que ele vai chamar de "forças integrativas silenciosas" da natureza além da ênfase na evolução do desenvolvimento humano como uma tendência natural.

O autor nos mostra como os conceitos de criatividade e agressividade se apresentam como marcos de ruptura definitivos entre o pensamento de Winnicott e a Psicanálise clássica. A criatividade, antes vista como reparadora e secundária à destrutividade inerente à sexualidade infantil, passa a ser primária, pré-sexual e fundada na experiência de mutualidade mãe-bebê. Também a agressividade passa a ser cuidadosamente diferenciada da destrutividade. Se a primeira é vista como a "maior experiência de vida"[3], a segunda é "a agressão não modificada pelo relacionamento"[4], aquela que não pode ser inclusa e fundida com o relacionamento pulsional do bebê.

O capítulo denominado "O surgimento do Self" descreve o percurso de Winnicott na elaboração dos termos fundamentais de seu pensamento. Nele, Phillips estabelece distinções e semelhanças nos termos adotados por Winnicott e a Psicanálise, recorda seu esforço em distinguir-se das contribuições de Klein e demonstra as repercussões das comunicações de Winnicott no meio psicanalítico britânico do pós-guerra.

Os dois últimos capítulos, "A Gênese da Realidade" e o "Jogo da Interpretação" abordam a pergunta fundamental da obra de Winnicott: Do que trata a vida, afinal?

Winnicott considera que estar vivo não é uma experiência garantida meramente pelo fato de um indivíduo respirar. É poder ter um sentido de Eu capaz de reunir os detalhes da experiência de estar vivo e assim experimentar um senso pessoal de realidade. O papel da figura materna é crucial na construção da subjetividade, sendo ela uma "testemunha constitutiva"[5] deste processo, como assinala Phillips.

O mergulho no processo de tornar-se real e tornar o mundo externo ao eu, igualmente real, é descrito neste capítulo. Para Winnicott esta é a

3. WINNICOTT, D.W. - *Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?* em O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

4. PHILLIPS, A - *Winnicott* – Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006. p.154.

5. Idem. p.186.

tarefa mais difícil do relacionamento humano: colocar o objeto fora de seu controle onipotente, perceber este objeto como externo, portanto, com uma existência independente de si mesmo. Winnicott chama a este processo de destruição do objeto: a alteração, provocada pelo sujeito, da percepção de um objeto, onde este objeto fracassa em sobreviver da maneira que era, sofrendo uma mudança de qualidade, de atitude, que o coloca fora do eu.

Adam Phillips retoma, ao final do livro, a questão inicial do livro: a linguagem e a comunicação tanto na relação materno infantil como na experiência analítica. Aqui aparece a profunda ambivalência de Winnicott em relação ao um conhecimento possível do *self* de um indivíduo e, mais do que entender ou interpretar, o campo analítico deve visar ser um lugar de brincar, criar e de possibilidades de comunicar-se e também do uso saudável do direito e da possibilidade de uma não-comunicação.

Ao mesmo tempo em que descreve as contribuições teóricas mais significativas da obra de Winnicott, Phillips o faz de tal forma, que o homem – Donald Woods Winnicott – é capaz de emergir vividamente do relato, seja através dos debates e divergências com seus contemporâneos, seja quando percebemos que várias contribuições significativas de sua teoria derivaram de conflitos e questionamentos pessoais. Outro mérito desta biografia é a não pretensão em apresentar uma obra acabada ou definitiva sobre um criador que pautou sua vida e suas idéias a partir justamente de uma perspectiva de processo e continuidade. A tradução está bem cuidada, de modo geral. A lamentar, apenas a demora excessiva na tradução deste trabalho fundamental para todos os que se interessam pelas idéias de Winnicott, originalmente publicado em 1988, e só agora traduzido para o português pela Editora Idéias e Letras, quase 20 anos depois.